

A CAVERNA DOS SONHOS ESQUECIDOS (2010)¹

Eduardo Jorge Santana Honorato²

Denise Deschamps Ivars³

Do diretor Werner Herzog que está sempre presente nas faculdades de psicologia com o seu consagrado “O Enigma de Kaspar Hauser” (2010). Com esse filme que abordaremos aqui neste texto, Herzog (2012) nos traz muito marcadamente o que, em aula dada no CCBB do Rio de Janeiro no mês de novembro de 2012, disse ser o motor de sua produção, o desejo de iluminar. Como faz com suas luzes dentro do interior dessas cavernas que traçam enigmas do passado e tocam profundamente no desejo humano de estar sempre envolvido com sua própria história. Disse também nessa aula citada que o mais difícil é conseguir a verba para filmar, o que no caso desse filme nos conta que não foi problema, uma vez que o governo francês disponibilizou uma quantia generosa, além de autorizar toda o acompanhamento necessário.

Freud mostrou-nos um sentimento arqueológico com sua grande admiração por essa forma de conhecimento, sabemos de seu amor pelas estatuetas (MANGO & PONTALIS, 2016) que comprou ao longo de sua vida. Colecionou um acervo composto por mais de milhares de peças entre estatuetas, vasos, gravuras em relevo, bustos, fragmentos de papiros, anéis e estampas, reunidas durante um período de quarenta anos e que muitas estão expostas no museu em sua homenagem em Londres (BURKE, 2015). Chegou a comparar a sua psicanálise ao trabalho da arqueologia, deixando com isso um recado importante sobre um possível paralelo individual, que se remeteria ao fato de que trazemos dentro de cada um de nós uma parte soterrada pela amnésia infantil, da qual padecemos em maior ou menor grau, e do quanto somos movidos ao longo da vida pelo impulso de entendermos o que ficou pra trás. Muitas das vezes, assim como nos narram os cientistas que pesquisam as pinturas rupestres encontradas, pintando por cima,

¹ Recebido em 19/06/2017.

² Universidade do Estado do Amazonas. eduhonorato@hotmail.com

³ denisedeschamps@globo.com

empreendendo um trabalho de restauração, de união de um pontilhado, maioria delas, quase imperceptível. Caminho traçado entre a interpretação e construções em análise.

Herzog conduz-no pela Caverna Chauvet, no sul da França, através de imagens capturadas por câmeras quase artesanais, mas fecha a película de maneira triunfal com equipamento em 3D. Em condições absolutamente desfavoráveis, alia sons e melodias que aprofundam ainda mais o mergulho para o qual nos convida via essa produção. Em determinado momento, o silêncio ao qual convida toda a equipe no interior da gruta afeta-nos de maneira intensa, o som daquele silêncio, pulsa. A percepção narrada de sentirem-se ali observados alcança-nos de uma maneira inexplicável. Somos lançados ao fato de que olhamos demais para o céu e esquecemos que, talvez, nosso maior mistério possa estar dentro das nossas profundezas, isso é quase uma metáfora do convite que fazem as variadas linhas em psicoterapia que trabalham a partir de um método que considere o Inconsciente.

O cientista explica que só podemos compor qualquer entendimento do que vemos ali a partir de nós mesmos, que será então singular, do que se passava à época dessas pinturas. Inventamos histórias com nossos elementos, seguimos em livres associações. As pinturas que iremos visitar, via Herzog, cientistas supõem que teriam uns 32.000 anos, foram descobertas por mero acaso em 1994. Esse número já nos dá uma sensação imensa de poeira na história que somos, mas ao mesmo tempo, também lança-nos à reflexão sobre a importância do que vivemos como arte ou como cotidiano. Fica plena a sensação da enorme generosidade desse diretor ao compartilhar com toda gente uma situação tão rara, tão magnificamente especial.

Como nos explicou aqui no Rio de Janeiro, Herzog (2012), não está preocupado em seguir linhas ou escola, faz um cinema que possui como requisito capturar potência, sendo assim vemos nesse documentário ele se integrar ao cenário como participante, espectador e diretor, ele e sua equipe avançam pelo estreito caminho composto por placas de metal e se tornam parte daquilo que assistimos, de certa maneira cria com isso uma ainda maior proximidade, sentimo-nos ali magicamente convidados aos momentos tão especiais que vivenciaram. Há em relação a esse filme uma composição ainda mais intensa que rompe a barreira entre o que se passa ao ser filmado, o que pertenceria aos bastidores e quanto ao

material que seria a obra propriamente dita, estamos todos juntos, implicados, como quer sempre obter com suas lentes.

Ampliará a maneira sem delimitação que filma com uma leitura quanto ao monumental abismo de tempo que nos separa daquela arte que visitamos, faz sentir que aquele interior ainda está vivo, tão habitado e que sussurra segredos a todos nós. Estaríamos assim tão distantes daqueles homens que pintaram tentando nos contar algo de seu tempo? Amalgamados pelo desejo incessante de narrar, de deixar marcas quanto a passagem, e, principalmente, por tudo aquilo que nos afeta, no sentido mais intenso desta palavra. A busca de uma beleza perene naquilo que enxergamos. A busca pelo outro, pelo olhar e escuta que talvez ali em um passado sobre o qual sabemos muito pouco ou quase nada, já poderia ser algo que constituiria aqueles humanos. Como diz um dos pesquisadores entrevistados, “o homem que sabe” tocado por algo que remete à necessidade de entender e controlar as forças da natureza, que poderemos pensar tanto em relação a tudo aquilo que se constitui como mundo externo, quanto aquilo que se constitui como mundo interno, a própria subjetividade. Um passeio pela horda que Freud também se atreveu a tentar visualizar e que nos inaugura enquanto civilização.

Restará a forte impressão que Herzog lançou-nos à angústia de lembrarmos-nos de que somos parte de uma monumental natureza que desconhece até mesmo os limites da temporalidade que nos é tão cara e tão marcante quanto ao que dizemos como eu, a consciência tão desmistificada por Sigmund Freud pela metapsicologia do sujeito. Sabemos que antes dele muitos foram os filósofos que de alguma maneira abordaram essa nossa característica, esse iceberg que somos com tanto de submerso, fora da consciência, talvez como essa Caverna de Chauvet e suas histórias contadas pelas mãos de sujeitos marcados pelo coletivo, por essa necessidade de compartilhar, de se constituir pela cerimônia de integrar um todo que vivemos como partes. A experiência nos inaugura e toda experiência é contato.

Encenar como necessidade de vínculo, como disse a pesquisadora entrevistada: *“Creio que essa imagem, dançar com a própria sombra, é uma das mais poderosas e antigas imagens representadas pelo ser humano”*.

Dentro da constatação de que sabemos tão pouco acerca de nós mesmos, e que repetimos ao longo do nosso desenvolvimento as fases pelas quais atravessou

a humanidade, da ausência da linguagem à sua aquisição, do homem que se ergue e passa a sofrer a angústia de ter que falar de si, pensar em tempo, lidar com a natureza que se impõe de dentro de sua necessidade de agrupar-se. Interessante sermos também tocados pela imagem do feminino como a única alusão ao humano, talvez porque já se procurasse entender a ligação tão próxima à natureza naquela que cria vida dentro de si.

A finalização dessa obra envolve de tal maneira que a emoção fica sem nome, sem qualquer linguagem que alcance, e como nos conta um dos pesquisadores, talvez representar em imagem, documentar em arte, seja mesmo o que inaugura o humano e que nos chega pelas lentes desse diretor sempre às voltas com essas perguntas ao longo de sua vasta, instigante e intrigante carreira.

Terminamos de assistir repletos de imagens, sons, sensações, que não há discurso que possa dar conta, e mais do que a uma conclusão, lança flechas no sentido de caçarmos a luz que nos move e dançarmos com as sombras do desconhecido. Deixaremos que algo de nós sobreviva nos relatos de nossa época ou destruiremos tudo obedecendo aos mais primitivos impulsos? Herzog simboliza filmando a Usina atômica que, segundo ele informa, fica apenas a 30 km da Caverna de Chauvet, foca nos crocodilos albinos, presta-nos conta do quanto em mais de 32.000 anos o homem vem aprendendo a, mais do que caçar, submeter a natureza à sua vontade, obviamente não sem pagar um preço por isso. A arte gravada na pedra sobreviveu, sobrevive...

REFERÊNCIAS

A Caverna dos Sonhos Esquecidos. Direção: Werner Herzog. Produção: Erik Nelson, Adrienne Ciuffo. França, Canada, EUA, Reino Unido e Alemanha. 2010

BURKE, Janine. Deuses de Freud - A Coleção de Arte do Pai da Psicanálise. São Paulo: Record, 2015.

O Enigma de Kaspar Hauser. Direção: Werner Herzog. Produção: Jakob Wassermann. Alemanha Ocidental, 1974.

FREUD, Sigmund. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HERZOG, Werner. Um encontro com Werner Herzog in: Festival de Cinema 4+1. CCBB: Rio de Janeiro, 2012

MANGO, Edmundo Gomes; PONTALIS, JB. Freud com os Escritores. São Paulo: Três Esrelas, 2016.